

A verdade como um problema epistemológico

GEILSON FERNANDES DE OLIVEIRA*

MARCÍLIA LUZIA GOMES DA COSTA MENDES**

Resumo: O presente ensaio é fruto das discussões realizadas durante a disciplina de mestrado Epistemologia das Ciências Sociais e Humanas. Aqui, objetivamos discutir sobre a verdade como um problema epistemológico. Assim, a partir do conceitual teórico utilizado durante a disciplina, entre os quais destacamos Michel Foucault, Norbert Elias, Friedrich Nietzsche e Pierre Bourdieu, tecemos considerações sobre as concepções de verdade no pensamento social contemporâneo, bem como no que diz respeito as rupturas que favoreceram a emergência de seu estado corrente – concepção da verdade como produção social e histórica. Consonante a esta discussão, realizamos ainda uma breve discussão sobre as relações de poder e saber que favorecem a constituição da verdade.

Palavras-chave: Verdade; Epistemologia; Produção histórico-social.

Abstract: This essay is the result of discussions held during the Master's course Epistemology of Social Sciences and Humanities. Here, we aimed to discuss truth as an epistemological problem. Thus, from the theoretical concept used during the discipline, among which we highlight Michel Foucault, Norbert Elias, Friedrich Nietzsche and Pierre Bourdieu, this discussion weaves considerations about conceptions of truth in contemporary social thought, as well as regarding the ruptures that favored the emergence of its current state - conception of truth as a social and historical production. Consonant to this discussion, the essay also conducts a brief discussion of the relations of power and knowledge that favor the establishment of the truth.

Key words: Truth; Epistemology; historic-social production.



* **GEILSON FERNANDES DE OLIVEIRA** é Mestre em Ciências Sociais e Humanas pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).



** **MARCÍLIA LUZIA GOMES DA COSTA MENDES** é Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente do Departamento de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Considerações iniciais

“A verdade é deste mundo”, afirmou Michel Foucault (1926-1984), em entrevista intitulada “*Verdade e Poder*”, publicada na obra *Microfísica do Poder* (1972). Nesta entrevista, o autor tece considerações sobre as relações intrínsecas existentes entre a verdade e o poder, e ainda traz reflexões sobre a verdade como um produto histórico-social, abandonando as perspectivas que defendiam a existência de uma verdade universal.

Conforme Foucault, estes seriam os três aspectos fundamentais que proporcionam a produção da verdade: o poder, o histórico e o social. O autor contrapõe-se, assim, à noção de uma verdade fundamentada na metafísica ou em um mundo transcendental. A perspectiva de Michel Foucault tem como base os pensamentos do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), um dos mais influentes pensadores do pensamento filosófico moderno e contemporâneo. De acordo com Nietzsche (2007), quando passamos a questionar e refletir sobre a verdade, revela-se de certo modo uma não-verdade, considerando que o real significado das coisas, ou a sua verdade, não pode ser encarnada e muito menos definida.

Com perspectiva semelhante, postulando a verdade como uma produção histórica e social, podemos enxergar na obra de Norbert Elias (1897-1990) a perspectiva de uma produção do verdadeiro baseada numa via de mãos múltiplas, ou melhor, a partir de uma malha de relações que vão se configurando e possibilitando condições específicas. Além disso, pode-se perceber em Elias a percepção da verdade como algo que vai se estabelecendo por meio de um processo civilizador (ELIAS, 2011).

Já para Bourdieu (1930-2002), nota-se a verdade como sendo constituída a partir das noções de *habitus* e campo. Por *habitus* podemos entender as disposições duráveis, estruturadas e estruturantes que vão constituir determinado campo. Assim sendo, a verdade também seria constituída a partir das relações que se estabelecem por meio de um *habitus* e campo específico (BOURDIEU, 1983).

Tomando por base a perspectiva dos autores acima citados, os quais tem grande influência na constituição do pensamento filosófico e do campo das ciências sociais no contemporâneo, refletiremos no presente ensaio sobre a constituição da verdade a partir das redes de relações situadas nas determinadas tramas históricas e sociais, destacando a concepção da verdade como um problema epistemológico, na medida em que emerge a necessidade de pensá-la não a partir da percepção verdade-correspondência (no sentido de uma pretensa causalidade, que acaba por reduzir e simplificar as relações envolvidas nos processos de construção da verdade), mas da necessidade de se pensar a verdade como uma produção que demarca e é demarcada por fatores múltiplos.

A verdade e sua produção histórico-social

Os discursos em torno do que seria/é a verdade são correntes em nosso cotidiano, nos seus variados níveis, seja através da oposição corriqueira entre o verdadeiro e o falso, seja em discussões acadêmicas ou em outros âmbitos da vida em sociedade, ao mesmo tempo em que há uma busca pelo dizer verdadeiro. Mas, o que seria, afinal, a verdade? Como ela se constitui como tal? Em sua obra, Foucault (1972, 2008) explicita que a verdade possui uma historicidade

específica. Conforme o seu pensamento, a verdade é um produto advindo de tempo e espaço determinados. De tempo, levando-se em consideração que alguns discursos ou práticas discursivas podem ser tidas como verdadeiras em determinado período de tempo e não em outro, e em espaço, no sentido de que a concepção de verdade pode variar conforme o espaço/lugar social em que ela é produzida. De certo modo, pode-se dizer a partir dos pensamentos de Foucault que a verdade é marcada e constituída por contingências históricas, as quais possibilitaram que aquela verdade pudesse se constituir daquela forma e não de outra.

Não à toa, conforme Foucault (1972, 2008), não devemos buscar transformar os discursos de verdade em jogos de significações prévias e/ou imediatas. Antes, deve-se pensar e refletir sobre as condições de possibilidades que favorecem a constituição desta verdade. Assim, imaginar que existiria uma face legível sobre a verdade, factível de compreensão imediata, poderia soar como algo ingênuo, percepção semelhante a que é proposta por Nietzsche.

Segundo Nietzsche (2007), a verdade, assim como a realidade não é algo dado de imediato, imutável e legível no sentido de uma simples decodificação. Ao contrário, é algo baseado em um movimento contínuo, na base do devir. Desta forma, os sentidos de verdade que comumente atribuem-se as coisas, tratam-se mais de metáforas do que a verdade em sua essência, considerando-se, no entanto, a não possibilidade desta verdade em essência. Com esta concepção, “a verdade que as palavras nos colocariam em mãos seria de ordem tautológica. Através delas, o homem apenas reencontraria aquilo que ele

próprio teria introduzido nas designações” (BARROS, 2007, p. 17).

A partir deste pensamento, observa-se o papel do homem, do social e do histórico na produção das designações atribuídas às coisas, na constituição das verdades. Assim, podemos pensar também a partir da leitura de Elias (2011) que a verdade não seria um contraponto ao social e ao histórico, e vice-versa, mas, ao mesmo tempo, partes integrantes. Com isto, pode-se pensar que a verdade não existiria sem o histórico e o social, de modo que ela moldaria e seria moldada pelos fatores sociais e históricos, no qual o sujeito está inserido.

De modo semelhante, ao observarmos as noções de *habitus* e campo de Bourdieu (1983), também torna-se perceptível a produção da verdade não como algo determinado e determinante, tendo em vista as disposições duráveis, estruturadas e estruturantes. Neste sentido, a verdade seria um produto das disposições que compõem o *habitus* e o campo, sendo estruturada pelos fatores externos e internos e, igualmente, estruturantes. Emerge assim a noção de relação ou relações, ou jogo, conceitos que refletem os modos a partir dos quais a verdade seria produzida.

Estas concepções da verdade como produção colocam em xeque as noções de verdade baseadas no determinismo, ou da percepção causa-efeito. Na atualidade, tal perspectiva tem sido alvo de recorrentes críticas, segundo as quais a verdade não seria algo baseado na imutabilidade e universalidade, muito menos algo tangível. Evidencia-se, com isto, uma ruptura nos sistemas de pensamento, abandonando-se a ideia de uma linearidade e de uma verdade e sujeito fundante, passando-se a considerar as descontinuidades, percebendo a história não como algo

contínuo, mas marcada pelas descontinuidades e rupturas, tal qual a verdade e o próprio sujeito.

Pensar a verdade como algo unívoco expressa a presença do positivismo do pensamento. Deve-se, desta forma, pensar estes elementos por um viés pautado não pela busca de uma objetividade absoluta, mas como algo que está atrelado aos processos históricos e sociais, não sendo condicionada a uma verdade e realidade única, fechada, mas, ao contrário, como algo que se constrói a partir de condições dadas.

Com isto, irrompem novas questões epistemológicas e novas formas de se pensar o social e a sua produção. A necessidade de se conceber e pensar o social a partir destas questões se mostra como um dos principais problemas epistemológicos das Ciências Sociais e Humanas nos tempos correntes, tendo em vista a sua emergência. Com efeito, surgem novas formas para compreender as categorias sociais, que passam a ser vistas não por vieses deterministas, mas como elementos permeados e atravessados por diversas redes de relações. Conforme Foucault,

O objeto não espera nos limbos a ordem que vai libertá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade, ele não preexiste a si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações (FOUCAULT, 2008, p. 51-52).

Refletindo sobre o pensamento desenvolvido por Foucault, podemos inferir que a verdade seria uma resultante de um feixe complexo de relações, entre as quais o autor destaca as práticas discursivas, assinaladas por regularidades que constituiriam as

formações discursivas, uma episteme. Ao tomarmos esta noção, é importante enfatizar o sentido de regularidade, tendo em vista a sua proximidade com a visão de descontinuidade.

Considerando esta perspectiva, podemos dizer que a partir de práticas discursivas descontínuas, observam-se regularidades, os efeitos de sentidos que se ligam e se engendram, que vão constituir as formações discursivas, que podem ser compreendidas como as regiões do sentido, formadas a partir de semelhantes sistemas de dispersão (seja de uma ordem, correlações, posições, funcionamento...), favorecendo o surgimento de um tipo de verdade e não de outro. Ainda, nesta concepção, é válido ressaltar o sentido de episteme, conceito desenvolvido por Foucault para caracterizar a partir das regularidades determinada trama histórico-social, ou “o conjunto das relações que podem unir, em uma época dada, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizadores” (FOUCAULT, 1972, p. 232).

Assim, pode-se dizer que cada episteme possui uma ordem discursiva, os seus regimes de verdade, ou seja, há sistemas de inclusão e exclusão dos discursos específicos em cada episteme, bem como um *a priori* histórico. Foucault (1972) define o *a priori* histórico como o aspecto que em uma época específica “[...] recorta na experiência um campo de saber possível, define o modo de ser dos objetos que nele aparecem, arma o olhar cotidiano de poderes teóricos e define as condições em que se pode enunciar sobre as coisas [...]” (FOUCAULT, 1972, p. 155).

Todavia, é importante frisar que estas formações e períodos específicos não devem ser tomados como blocos

imóveis ou formas estáticas, como se assim se definissem de uma vez por todas as condições de possibilidades. Deve-se pensar, ao contrário, no sentido do devir.

Em sua *Arqueologia do saber*, Foucault (2008) coloca em cena a importância dos discursos e suas relações para a produção da verdade. Segundo o autor, são as práticas discursivas, definidas como práticas históricas e sociais que vão contribuir de modo eficaz para a formação dos objetos, para o sentido de verdade que deverá circular no meio social. É neste sentido que ele cita como exemplo a institucionalização da verdade sobre a loucura, ao afirmar que no momento em que se institui um saber sobre a razão, desqualifica-se ao mesmo tempo a não razão, dando lugar ao sentido de loucura, que logo passa a fazer parte dos discursos interditos e exclusivos. Neste momento, Foucault também cita o aparecimento das instâncias de produção dos discursos institucionais do saber, com o surgimento das ciências sociais e humanas, destacando o caso da pedagogia e da psicanálise.

É neste momento, mais especificamente, no século XIX, que surge conforme Foucault (1972, 2011) uma vontade de verdade. De acordo com o autor, a resposta a esta vontade de verdade será o surgimento das instâncias institucionais, que produzirão respostas por meio da ciência, dos livros, dos discursos médicos. Com isto, passam a ser produzidas verdades sobre o sexo, sobre a loucura, etc.

Na *Arqueologia do Saber* (2008), assim como em *As palavras e as coisas* (1999), Foucault promove questões de suma importância para se pensar o sujeito, as ciências humanas e a verdade. No que concerne ao sujeito, conjura-se o sentido de sua morte,

tomando por base as perspectivas de um sujeito universal. Passa a ser trabalhada uma concepção sobre o sujeito baseada no devir, em uma rede de relações, como algo que é estrategicamente construído continuamente. No que se refere às ciências humanas, Foucault (1999) tematiza o homem como sujeito e objeto do saber, considerando o que está no exterior e no interior do saber, bem como quais as condições de possibilidades que favoreceram a emergência de um tipo de saber e não outro (FOUCAULT, 2008). Já com relação à verdade, observa-se na sua concepção considerações acerca das tramas históricas e sociais a partir das quais estas insurgem, bem como a sua existência atrelada aos discursos e poderes.

Relacionando as perspectivas dos autores aqui trabalhados, percebe-se a recorrência dos discursos e suas redes de poderes na produção das verdades. Nietzsche (2007) chega a citar uma legislação da linguagem, ao tratar das demarcações da linguagem com relação às coisas e aos objetos. Todavia, assegura Nietzsche (2007) que as palavras foram criadas objetivando exprimir uma sensação subjetiva e, assim sendo, elas nunca poderão se referir ou corresponder essencialmente às próprias coisas. Daí a sua concepção da verdade como:

[...] um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força

sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas (NIETZSCHE, 2007, p. 36-37).

Pensar a verdade como metáfora é lembrar que muitas vezes esquecemos que estamos lidando não com a própria verdade, mas com uma metáfora morta, que de tanto circular por meio das práticas sociais, tornou-se um conceito, uma verdade. Apenas um discurso ou ilusão que se tornou familiar graças ao seu uso frequente, ou seja, uma metáfora que se esqueceu que era metáfora.

De modo semelhante, propõe Elias (1994) que a verdade, ou, “a palavra é passada de uma pessoa para outra como uma moeda cujo valor fosse conhecido e cujo conteúdo já não precisasse ser testado” (ELIAS, 1994, p. 13). De modo específico, podemos enxergar em *O processo civilizador*, de Elias (2011), como estas verdades metafóricas agem sobre o comportamento e o emocional dos sujeitos, estabelecendo modelos e ordens do discurso (FOUCAULT, 2011) que interditam ou promovem estranhamento àquelas ações que colocam em questionamento as que são tidas como adequadas, fundadas em uma ideia de verdade.

Em Bourdieu (1983), a verdade, também vista como construção, é considerada como sendo uma produção do *habitus* e do campo. Uma questão importante ao analisarmos as relações entre a verdade, *habitus* e campo conforme a perspectiva de Bourdieu é observarmos a incorporação dos discursos de verdade do *habitus* e do campo pelos sujeitos e/ou a estrutura social. A partir deste processo, a verdade passa a ser continuamente produzida, legitimada e reproduzida

pelos agentes sociais que fazem parte do campo, fortalecendo assim, o *habitus*.

No entanto, o sujeito que possui determinado *habitus*, por exemplo, pode, às vezes, chegar a questioná-lo, bem como as suas ações – na maioria das vezes baseada na economia da práxis –, e a interrogar a verdade do campo do qual faz parte. Com isto, emerge a necessidade de uma nova verdade, que poderá ser possibilitada pela mudança de campo. Para aqueles que adentram ou mudam de campo, certamente observa-se a princípio uma inadequação com o discurso de verdade, devendo, neste caso, passar o sujeito por um processo no qual ele vá adquirir o novo *habitus*, fator que de início pode lhe causar estranhamento, mas com o passar do tempo ser internalizado, tornar-se comum, ser metaforizado.

É importante destacar que apesar de tomarmos aqui o posicionamento da verdade como uma metáfora, este aspecto não pode ser visto como sendo determinista ou universal, tendo em vista que condições de possibilidades específicas favoreceram a formação destes tipos de metáforas e não outras. Além disso, estas metáforas podem modificar-se, tornarem-se metáforas vivas, a partir da irrupção dos discursos e das práticas discursivas.

Remetendo as relações existentes entre discurso, formação dos objetos e verdade, a perspectiva de Foucault (2011) dialoga com a de Nietzsche (2007), Elias (2011, 1994) e Bourdieu (1983). Segundo Foucault, é o discurso e suas relações com o poder que incentivam e promovem práticas, instaura verdades, constitui objetos, organiza saberes e dá vida aos sujeitos e às coisas, legitimando-os.

Compõe importante fator na constituição da verdade, neste sentido,

as relações de poder-saber/saber-poder. Nestas, entra em questão mais uma vez os discursos institucionais e a malha de micropoderes que a verdade como produção carrega. Este aspecto é desenvolvido no tópico que segue.

Verdade e relações de saber-poder/poder-saber

Em sua obra *O Processo Civilizador*, Elias (2011) explicita como se desenvolveram os hábitos e costumes que compõem hoje as nossas ações, permitindo a compreensão de que não existiria nenhuma atitude natural no homem, sendo estas formatadas a partir das relações históricas e sociais que se engendram. Também é discutido como os discursos de verdade sobre os comportamentos e emoções buscaram se efetivar, constituindo-se, segundo o autor, principalmente através dos manuais de estilo, ou seja, por meio das práticas discursivas.

Com isto, é possível observarmos as relações de poder ou micropoderes que estavam/estão inseridos nestas práticas discursivas, sugerindo modos de comportamento e controle das emoções. Instaura-se assim, uma ordem do discurso, que passa a estabelecer modelos e ao mesmo tempo excluir ou interditar àqueles que não correspondam ou contrariem a ordem. Forma-se então um novo *habitus*, e em consequência, também um novo campo de relações.

Ressaltamos nestas relações a produção de verdades calcadas nas relações de poder. Conforme Foucault (2011, 1972) não existe verdade fora do poder, ou sem poder. A verdade é produzida pelas relações de poder e, ao mesmo tempo, produz saber, e vice-versa. Assim, podemos dizer que as malhas de poder que impulsionaram o processo civilizador exposto por Elias (2011) também geraram um tipo de saber,

pautado no controle das emoções e na adequação dos comportamentos conforme ordem estabelecida.

Podemos destacar sobre esta questão os micropoderes que se estabelecem para a instauração dos discursos de verdade. Os discursos, por meio dos poderes que o atravessam, distinguem o verdadeiro do falso, o adequado do não adequado. Criam-se oposições, jogos de verdade, assim sendo, o discurso enquanto um tipo de saber mostra-se como agente não possuidor de neutralidade ou desinteresse, estando sempre vinculado às relações de poder.

Podemos expressar por este exemplo o que Foucault (1972) denomina como microfísica do poder. Conforme o autor, o poder não existe, o que existe são relações de poder. A concepção do autor propõe uma ruptura epistemológica ao se pensar o poder. O poder não estaria centrado no Estado nem atuaria de forma vertical, como propôs Althusser, afirma Foucault (1972), mas estaria presente em todos os lugares, nas suas mais diferentes formas. Outro ponto a se destacar é a relação poder-resistência, no sentido de que o poder não somente estaria baseado na coerção ou repressão, de modo que onde há relações de poder, também existem formas de resistência, tendo em vista que ele enxerga o sujeito em uma posição estratégica. Ademais, conforme as percepções de Foucault, o poder produz saber, e este mesmo saber também é atravessado por relações de poder.

O saber e os discursos não são livres, salienta Foucault (2011), mas são controlados, selecionados e organizados por procedimentos. O poder seria o elemento que os constitui, e é isto que favorece a produção dos seus efeitos e de suas verdades. Os discursos são tidos como saberes, e a alguns discursos

atribui-se um nível de maior destaque e importância por meio do lugar ou instância de produção deste discurso, bem como de quem o emite, produzindo assim o sentido do verdadeiro. Sobre este aspecto, podemos afirmar a importância da análise destes discursos e a produção da verdade levando-se em consideração a sua trama de produção, pois, não podemos buscar interpretar ou analisar os saberes ou discursos a não ser por meio de suas instâncias de produção. Com isto, ao analisarmos os discursos ou a produção da verdade, não devemos orientar nossas perspectivas para o passado nem para o futuro, mas para o presente e o jogo de relações que a partir dele se instaura.

A partir disto, podemos dizer assim como Nietzsche (2007) que o conhecimento sobre a verdade não teria uma origem ou um fundamento primeiro, sendo conforme propõe o autor uma fabricação, engenharia da história e da sociedade da qual os sujeitos são parte ativas. Nesta engenharia, os discursos legitimam o verdadeiro pela exclusão do falso, e a vontade de verdade é um dos aspectos que impulsionam esta relação.

Foucault nos fornece um exemplo desta relação em sua obra *A ordem do Discurso* (2011), ao destacar que os postulados de Mendel sobre a hereditariedade tiveram que ser inseridos e considerados pelo discurso científico, para serem, após isso, tomados como verdadeiros.

Mendel dizia a verdade, mas não estava “no verdadeiro” do discurso biológico de sua época: não era segundo tais regras que se constituíam objetos e conceitos biológicos; foi preciso toda uma mudança de escala, o desdobramento de todo um novo plano de objetos na biologia para que Mendel entrasse “no

verdadeiro” e suas proposições aparecessem, então, (em boa parte) exatas (FOUCAULT, 2011, p. 35).

Nesta passagem, torna-se visível a obediência às regras, fundadas nas relações de poder-saber, que constituem uma “política” sobre a verdade. Desta forma, podemos inferir que os discursos estão atados aos seus lugares de produção, bem como o fato de o sujeito poder falar de lugares distintos, como no caso de Mendel. Enquanto Mendel falava de um lugar teórico ainda estranho à biologia de sua época, os seus discursos eram questionados e refutados, no entanto, quando passa a ser assimilado por outros estudiosos e ser integrado pelos discursos científicos dominantes, seus estudos tomam outros sentidos e proporções.

Desde o surgimento das ciências, aos discursos científicos são atribuídos o poder/saber de dizer o que é e como funciona o verdadeiro. Mas, vale ressaltar que este verdadeiro também é construído, e marca e é marcado por sua época, como pôde ser visto pelo exemplo de Mendel. Este aspecto que expõe as relações como não sendo de mão única é explicitado por Elias (1994), ao enfatizar que o indivíduo não existe sem sociedade e nem sociedade sem indivíduo. Da mesma forma, podemos afirmar que não existe poder sem saber, nem saber sem poder, constituindo-se assim uma relação de influências recíprocas.

A verdade constitui-se neste sistema de reciprocidades e interdependência, não sendo determinante nem determinada, mas fundamentada no movimento pelo qual as relações vão se constituindo, por meios das disputas e conflitos que engendram a sua existência, calcada no sentido de relações, resultante de uma trama em constante movimento.

Considerações finais

Objetivou-se no presente ensaio discutir sobre a verdade enquanto um problema epistemológico. Ao analisarmos esta questão, evidenciam-se as rupturas efetivadas sobre o tema no contemporâneo. Com isto, irrompe a necessidade de se pensar a verdade ou os seus efeitos como uma produção possibilitada por condições específicas, nas quais são elementos importantes a consideração dos fatores históricos, sociais, assim como das relações de saber e poder.

A partir da leitura de autores como Foucault, Elias, Nietzsche e Bourdieu, e da discussão de suas ideias e conceitos, explicita-se a noção da verdade como um efeito das relações advindas de condições histórico-sociais particulares. A importância do pensamento dos autores citados reside no sentido de desconsiderar a existência de uma verdade dada, una e universal. Ao contrário, tais pensadores assinalam a verdade como uma produção, tendo por base o devir, negando deste modo os sentidos de objetividade costumeiramente associados à verdade.

Para efeito de fim, fazendo uso das palavras de Foucault ao final de *As palavras e as Coisas* (1999), quando sugere que a percepção do sujeito como uno e universal se desvaneceria à beira do mar, podemos dizer que a ideia de verdade tida nos moldes epistemológicos tradicionais que são agora revistas também é desvanecida. Com isto, edificam-se novos sentidos do que é a verdade, constituída na base

do movimento, do devir, implicando, por sua vez, em novas concepções e reflexões em torno do sujeito e de suas subjetividades.

Referências

- BARROS, Fernando de Moraes. Introdução. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral**. Org. e trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Org. Renato Ortiz. Trad. Paula Monteiro e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Tradução Ruy Jungman; revisão e apresentação Renato Janine Ribeiro. v.1 -2.ed. -Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Org. Michnel Schöter, trad. Vera Ribeiro, revisão técnica e notas: Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21ed. São Paulo: Loyola: 2011.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. — 8ª ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 1972.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral**. Org. e trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

Recebido em 2015-11-25
Publicado em 2016-07-15